00.jpg

01.jpg

02.jpg

POÉTICA DA PALHA

Apresentamos a coleção POÉTICA DA PALHA, de peças produzidas com a técnica de trançado de palha pelo grupo Tecendo História, da cidade de Cerro Azul, Paraná. A coleção foi desenvolvida em oficinas promovidas pelo museu A Casa, sob coordenação do designer Renato Imbroisi, com capacitação em aperfeiçoamento técnico, criatividade, tingimento vegetal e gestão comercial.

A poesia não brota no dia-a-dia das agricultoras artesãs de Cerro Azul, cidade serrana que traz no nome a cor do céu, onde nascem rios, as águas correm soltas inundando a ponte na estação das cheias, há matas exuberantes e solo generoso para a produção de tangerinas e laranjas em tamanhos crescentes e cores que vão do amarelo claro ao laranja mais forte – banquete suculento para olhar e paladar. Quem vem de fora enxerga poesia. Quem levanta antes do sol para a lida na cozinha e amanhece nos morros dos pomares colhendo frutas com as mãos nuas, carregando cestos cheios morro abaixo, para a segunda etapa no fogão à hora do almoço dos filhos que partem para a escola, voltam para a lavoura até o fim do dia, pode não ter alma de poeta. Mas, quando anoitece e as crianças adormecem, estas mulheres encontram tempo, coragem, disposição e delicada habilidade em suas mãos calejadas para produzir artesanato da melhor qualidade. E têm abertura para novos aprendizados, capazes de levá-las a nos revelar a POÉTICA DA PALHA, fotografada e exposta nas próximas páginas deste catálogo, junto com informações detalhadas sobre o universo ímpar das pessoas que vivem nas encostas dos laranjais generosos do entorno de Cerro Azul.

Maria Emilia Kubrusly

03.jpg

TERRA DA LARANJA

Seguindo de carro a partir de Curitiba, a estrada que leva até Cerro Azul é sinuosa, cercada de árvores que, no final do mês de maio, estão carregadas de inúmeras variedades de tangerina. Caixotes cheios de frutas próximos às casas à beira da estrada já indicam a principal atividade econômica da região.

Localizado no Vale do Ribeira, a 84,56 km da capital do Paraná, o município de Cerro Azul tem área de 1.341,192 Km² e, segundo o Censo 2010 do IBGE, 16.938 habitantes. Quase três quartos do total, isto é, 12.130 pessoas, habitam a zona rural.

Cercado por montanhas, o município originou-se a partir da Colônia Assunguy, fundada em 1860 por imigrantes alemães com o objetivo de fazer do local um "celeiro do Paraná", fornecendo gêneros alimentícios à população de Curitiba. Nas décadas seguintes, a Colônia foi elevada às categorias de Freguesia (1872), chamando-se Freguesia de Nossa Senhora da Guia do Serro Azul, de Vila (1882), denominando-se Vila Assunguy, até tornar-se cidade (1897), Serro Azul . Data de 1929 a mudança da grafia de Serro Azul para Cerro Azul, designação que faz referência ao morro de mesmo nome localizado nas proximidades.

A área urbana da cidade possui ruas asfaltadas planas e construções antigas do final do século XIX e início do século XX. Casas residenciais mais novas e um pequeno comércio local estão estabelecidos em torno da Igreja e dos equipamentos públicos situados no centro. É ali que se encontram os principais serviços de atendimento à população como centros de saúde, hospitais e escolas.

A zona rural, por sua vez, é caracterizada pela presença de mata atlântica preservada, rios e terrenos bastante íngremes. Grande parte das casas dos moradores é feita de madeira e encontram-se dispersas entre porções de terra destinadas ao cultivo de bens agrícolas e, em especial, os laranjais. Animais de criação como vacas, galinhas e porcos também fazem parte do cenário.

Cerro Azul é conhecida como "terra da laranja" ou "capital da laranja" devido à produção de uma enorme variedade de cítricos como a laranja, limão taiti, limão rosa, mexerica, murcott, montenegra, montenegrina, tinkan, kinkan, conkan e, finalmente, a mais conhecida do lugar, ponkan (ou poncã). Na época da safra, o contraste entre o verde escuro das folhas das árvores e o amarelo forte dos frutos deixa a paisagem deslumbrante.

04.jpg

O brasão do município representa as características mais marcantes da região: uma cabeça de gado (pecuária), um ramo com duas laranjas (citricultura), um homem lavrando a terra (agricultura) e montes (acidentes geográficos). Mas o primeiro contato com a cidade revela também a existência de um saber compartilhado por muitas mulheres do local: o trançado em fibras como palha de milho, taboa, criciúma e bambu. Produzidos ali, chapéus, peneiras e cestos em diversos formatos são muito utilizados pelos moradores em seu cotidiano.

Embora a agropecuária seja a principal atividade econômica e ocupe a maior parte do tempo dos moradores, o artesanato é feito nas horas vagas e complementa a renda familiar. De acordo com o Mapa de Pobreza e Desigualdade de 2003 do IBGE, a incidência da pobreza em Cerro Azul é de 42,80%.

RIBEIRÃO BONITO DO TURVO

18 km em estrada de terra separam o centro de Cerro Azul do barracão ao lado da Capela do Senhor Bom Jesus de Iguape, localizada na comunidade do Ribeirão Bonito do Turvo, onde artesãos do grupo Tecendo História se reúnem. Ao longo do percurso, além da natureza, a fisionomia de muitos moradores chama a atenção: a pele extremamente clara, cabelos loiros ou ruivos lisos e olhos bem azuis revelam a ascendência européia e, com isso, a história dos primeiros habitantes do lugar. Mas é claro que ao longo dos mais de 150 anos que se passaram desde o estabelecimento da Colônia Assunguy houve grande miscigenação. De certa forma, pode-se afirmar que o cerroazulense de hoje é fruto da mistura entre imigrantes europeus, índios da etnia kaingang, africanos trazidos ao Brasil como escravos e seus descendentes. O artesanato é também herança deste passado de trocas.

O dia começa cedo para as mulheres lavradoras e artesãs do Ribeirão Bonito do Turvo. Às 5h, a maior parte delas já está de pé, ocupando-se das primeiras tarefas diárias como preparar o café da manhã para a família, acordar as crianças e cuidar dos animais. Às 6h30, hora em que amanhece o dia, chegam às lavouras para o cultivo de espécies como arroz, milho, repolho, beterraba, alface, aipim, vagem, feijão, batata e couve. Tais alimentos servem principalmente ao consumo próprio, mas todo o excedente é vendido no comércio da cidade ou em Curitiba. Parte também é comprada pela prefeitura local.

Na época da colheita dos cítricos, realizada especialmente nos meses de junho e julho, familiares e agregados dirigem-se aos laranjais. Ainda que o fato de Cerro Azul estar entre os maiores produtores de tangerina do Brasil pudesse sugerir a presença de grandes empresas, toda a produção advém da agricultura familiar. A forte inclinação dos terrenos faz com que o trabalho seja bastante lento, não compensando o pagamento de funcionários para realizá-lo, e tornando impossível a utilização de máquinas ou equipamentos modernos que acelerem o processo. Os frutos são colhidos um a um, cortando-se o pequeno galho que o sustenta na árvore, ação que irá permitir que novos frutos cresçam no ano seguinte. O processo é exaustivo e frequentemente causa ferimentos nas mãos dos coletores. O fato dos terrenos serem íngremes também exige grande esforço físico para locomoção mesmo em espaços pequenos. Recentemente, agricultores tiveram que acrescentar uma nova tarefa ao trabalho: cortar as folhas presas aos frutos antes de sua comercialização. Trata-se de uma medida legal com o objetivo de evitar a transmissão de doenças causadas por microorganismos que costumam se alojar ali. Mesmo assim, a citricultura é preferível a outros trabalhos agrícolas, pois o cultivo requer baixo investimento e sua venda é relativamente fácil, garantindo um retorno financeiro que pode durar até a safra seguinte.

A maior parte da produção é destinada ao Ceasa de Curitiba. O preço pago aos agricultores pela caixa de poncã (25 kg) varia muito, podendo variar de R$1 a R$8 dependendo no ano. Em 2011, o preço oscilou entre R$7 e R$8, considerado muito bom. Interessante notar que raramente os proprietários de grandes terrenos conseguem dar conta de produzir na totalidade da terra. Por isso, muitas vezes, arrendam parte dela a familiares e agregados, cobrando foro de 25% a 50% das vendas. Finalmente, vale lembrar que como a coleta dos frutos é feita apenas horas antes de sua comercialização – para melhor conservá-los –, agricultores trabalham em esquema de mutirão, reservando dias específicos para a colheita no terreno de cada proprietário. Nesta última safra, o preço pago aos coletores foi de R$1 por caixa.

Por volta das 10h30, artesãs lavradoras voltam para casa para preparar o almoço e arrumar as crianças para a escola, que fica no centro da cidade de Cerro Azul. As aulas vão das 13h30 às 18h e o ônibus escolar que transporta os alunos leva cerca de duas horas no trajeto. Às tardes, as mulheres cuidam das tarefas domésticas e, de vez em quando, sobra tempo para fazer artesanato, atividade desenvolvida também durante a noite. O dia termina por volta das 22h, quando todos vão dormir.

O artesanato local é feito a partir de matérias primas naturais como palha de milho, taboa, criciúma e bambu, muitas vezes encontradas no próprio quintal da casa das artesãs, na lavoura em que trabalham ou proximidades. O processo técnico tem início cortando-se as "tiras" do material na largura desejada, o que varia de acordo com o tamanho e o tipo de peça a ser produzida. Isso é feito à mão, no caso da palha de milho, ou com um facão, no caso dos bambus. Em seguida, parte-se para o trançado propriamente dito, que segue caminhos diversos, resultando nos mais variados efeitos. A maior parte dos objetos é vendida em sua cor natural, mas, recentemente, artesãos introduziram tintas industrializadas em algumas peças. A atividade costuma ser realizada em ambiente doméstico e, não raro, conta com a colaboração da família para as tarefas mais simples.

Um dos aspectos mais marcantes da divisão dos ganhos da família é que, enquanto o dinheiro auferido com a venda dos gêneros alimentícios fica a cargo do marido, o dinheiro proveniente do artesanato é sempre administrado pela mulher, contribuindo para sua independência financeira. O envolvimento feminino no trabalho artesanal é, muitas vezes, visto com desconfiança por seus cônjuges, que priorizam o trabalho na lavoura e, com alguma freqüência, sentem ciúmes dos encontros com o grupo e temem o descuido das tarefas domésticas.

Os moradores da região participam também de outras atividades não diretamente ligadas à esfera profissional. Anualmente, no segundo domingo de junho, a população de Cerro Azul e de cidades do entorno se reúnem para a comemoração da Festa da Laranja, uma das mais tradicionais do município. O evento tem como destaque a exposição de produtos cítricos da safra, e conta com apresentação e desfile da rainha e das princesas da laranja, escolhidas alguns dias antes, feiras de artesanato e outras atrações.

Entre os artesãos do grupo Tecendo História, a maioria é católica praticante. O padre visita a comunidade uma vez por mês, mas há cerimônias religiosas todos os domingos na Capela do Senhor Bom Jesus de Iguape. A igreja proporciona um dos raros momentos de encontro entre os moradores, separados pelas longas e custosas distâncias entre uma casa e outra.

Foi no barracão ao lado da capela, utilizado pela comunidade para reuniões, que se desenvolveram as oficinas promovidas por A CASA museu do objeto brasileiro e coordenadas pelo designer e artesão Renato Imbroisi.

ARTESANATO + DESIGN

Em viagem realizada em meados do mês de abril, a jornalista e escritora Maria Emilia Kubrusly e Renato Imbroisi visitaram Cerro Azul para o levantamento inicial e diagnóstico do artesanato local, como foco mais centralizado no trançado e técnicas têxteis.

Lá, encontraram artesãos do grupo Tecendo História, liderados por José do Carmo Moura e Costa, o Zezinho, único homem da equipe, que apresentou toda a produção: chapéus de vários modelos, miniaturas de cangalhas, de galinhas e de jogos de chá, chinelos, peneiras, cestas e balaios. Se antes eram feitos apenas objetos utilitários para consumo próprio, atualmente o grupo participa de feiras em diversos estados do país e ampliou o leque de produtos. Ainda assim, identificaram na falta de equipamentos adequados e na comercialização suas maiores dificuldades.

Visando mercados diversificados, o projeto desenvolvido por A CASA consistiu na realização de oficinas para desenvolvimento de novos produtos com design e qualidade diferenciada, tais como chapéus, caixas e bolsas, utilizando referências locais, como a cultura da laranja, para definir a identidade de Cerro Azul. Além disso, o projeto investiu no aperfeiçoamento das técnicas de trançado e cestaria com introdução de novas possibilidades técnicas; na capacitação para o tingimento natural a partir de espécies locais em substituição às tintas industrializadas; e, finalmente, buscou apontar novos nichos de mercado, fornecendo ferramentas de gestão aos artesãos.

Cerro Azul faz parte do bioma da Mata Atlântica e comporta grande diversidade de vegetação. Essa realidade facilita a utilização de inúmeras espécies para a fabricação de tintas naturais, produzidas a partir de pigmentos de flores, folhas, frutos e cascas. Tintas obtidas dessa maneira são menos agressivas ao meio ambiente e tem a vantagem de trazer, em sua própria constituição, características do local em que foi produzida.

Hisako Kawakami foi a responsável pela oficina de tingimento vegetal, ensinando todo o processo aos artesãos. Já a oficina de trançado, foi coordenada por Francinaide Farias Silva de Alcântara, artesã do Distrito Federal, que apresentou técnicas para o desenvolvimento de novos produtos com maior valor agregado. Adriane Coleto conduziu a oficina de gestão de mercado, abordando temas como precificação, posicionamento dos produtos, relacionamento com os clientes e controle de qualidade.

A expectativa é a de que o projeto torne os produtos artesanais de Cerro Azul conhecidos em todo o país, possibilitando aos moradores uma alternativa de trabalho durante a entressafra da laranja. Famoso nacionalmente pela citricultura, está na hora de Cerro Azul apresentar ao Brasil suas habilidades artesanais.

Daniel Douek

07.jpg

08.jpg

09.jpg

10.jpg

11.jpg

12.jpg

13.jpg

14.jpg

AMEIXA
GOIABA
EUCALIPTO
PONKAN
MILHO ROXO CLARO
MILHO ROXO

15.jpg

16.jpg

17.jpg

CESTA GALINHA DOS OVOS DE OURO
BOLSA MILHARAL
BOLSA MILHARAL ALÇA COURO

18.jpg

19.jpg

20.jpg

21.jpg

22.jpg

23.jpg

24.jpg

25.jpg

GALINHA COROCOCÓ
FLORES 4 PÉTALAS M
FLORES 4 PÉTALAS
LARANJINHA
FLORES ROSA

26.jpg

27.jpg

28.jpg

POÉTICA DA PALHA – CERRO AZUL

Idealização e direção geral | **Renata Mellão**
Design e coordenação | **Renato Imbroisi**
Artesanato | **Grupo Tecendo História**
Tingimento | **Hisako Kawakami**
Gestão de produção | **Adriane Reichert Coletto**
Instrução técnica | **Francinaide Alcântara**
Texto | **Daniel Douek** e **Maria Emilia Kubrusly**
Pesquisa | **Daniel Douek**
Revisão e edição | **Maria Emilia Kubrusly**
Fotos e projeto gráfico | **Lucas Moura**
Produção executiva | **Jaine Silva**
Desenvolvimento de conteúdo | **Daniel Douek**
Consultoria de projetos | **Cláudia Vendramini**
Assessoria de imprensa | **Solange Viana**
Assistência de produção e divulgação | **Daniel Casquel de Tomasi**
Secretaria | **Cleide Lopes**
Manutenção e montagem | **Alex Belarmino e José Jacinto da Silva**
Agradecimento | **Alexandre Dantas Brighetti** e **Alice Floriano**

ARTESÃOS

Celmira Aparecida do Nascimento de Moura e Costa
Cristiane do Carmo de Moura e Costa
Elisângela Harpes
Hilda Harpes Alps
José do Carmo Moura e Costa
Lindamir da Aparecida Despranches
Lourdes Despranches Alps
Luzia Aparecida Alps
Maria Mariana do Nascimento Costa
Neuza Mariano do Nascimento Despranches
Rosângela Harpes
Rosilene da Aparecida de Moura e Costa
Serli de Aparecida do Espírito Santo Despranches

29.jpg

30.jpg